

# A DEMONSTRAÇÃO TOMASIANA DA EXISTÊNCIA DE DEUS ATRAVÉS DA VIA DO MOVIMENTO

William Saraiva Borges<sup>1</sup>

**Resumo:** O objetivo deste artigo é analisar a argumentação elaborada por Tomás de Aquino na segunda questão da primeira parte da *Suma Teológica*, na qual o *Aquinate* se ocupa com a demonstração da existência de Deus. Trata-se, mais especificamente, de elucidar a estrutura, as premissas e a conclusão apresentadas pelo *Doutor Angélico* na elaboração de sua *Via do Movimento* e, ainda, relacionar este argumento com as perícopes correspondentes encontradas na *Suma contra os gentios* e no *Compêndio de Teologia*.

**Palavras-chave:** Tomás de Aquino. Existência de Deus. Primeira Via. Via do Movimento.

**Abstract:** The purpose of this paper is to analyze the arguments developed by Thomas Aquinas in the second question of the first part of the *Summa Theologiae*, in which Aquinas is concerned with the demonstration of the existence of God. The aim, more specifically, is to elucidate the structure, premises and conclusion presented by *Doctor Angelicus* in the elaboration of his *Way of Movement*, besides, relating this argument with the corresponding passages found in the *Summa contra Gentiles* and in the *Compendium Theologiae*.

**Keywords:** Thomas Aquinas. Existence of God. First Way. Way of Movement.

## 1 INTRODUÇÃO

As questões metafísicas têm sido, sem dúvida, as que mais intrigaram e intrigam os filósofos de todos os tempos, isto é, desde as origens da Filosofia, na Grécia Antiga, até os dias atuais. De todas as indagações metafísicas, a mais instigante é, certamente, aquela que versa sobre a existência e a natureza de Deus. Deus existe? Qual sua natureza? Se existe, sua existência é abertamente manifesta? Se não é manifesta, pode ser demonstrada? Se é demonstrável, se pode/deve demonstrá-la *a priori* ou *a posteriori*?

Todas essas questões, pertencentes ao campo de investigação da metafísica e, conseqüentemente, da Filosofia, foram enfrentadas pelo *Doutor Angélico*, Santo Tomás de Aquino (1225 – 1274), o qual procurou respondê-las em diversas de suas obras. Assim sendo, o objetivo do presente artigo é analisar, explicar e comentar,

---

<sup>1</sup> Graduando em Filosofia. Universidade Federal de Pelotas. E-mail: saraiva.borges@gmail.com

ainda que brevemente, a argumentação elaborada por Santo Tomás na segunda questão da primeira parte da *Suma Teológica*<sup>2</sup>. Mais especificamente, trata-se de elucidar a estrutura, as premissas e a conclusão por ele desenvolvidas na elaboração de sua *Primeira Via*, a *Via do Movimento*, contida na *Suma Teológica*, relacionando-a, sempre que possível, com as perícopes correspondentes encontradas na *Suma contra os gentios* e no *Compêndio de Teologia*.

## 2 A SUMA TEOLÓGICA E A QUESTÃO II

A clareza e a objetividade com que Santo Tomás escreveu sua *Suma Teológica* são impressionantes. Tal limpidez estilística se deve, em primeiro lugar, ao seu gênio admirável e conciso, mas também, ao objetivo didático com o qual redigiu sua obra mestra: “nos propusemos nesta obra expor o que se refere à religião cristã do modo mais apropriado à formação dos iniciantes. [...] tentaremos, confiando no auxílio divino, apresentar a doutrina sagrada sucinta e claramente, conforme a matéria o permitir”<sup>3</sup>.

No início da segunda questão<sup>4</sup>, na qual procura arrolar argumentos acerca da existência de Deus, Santo Tomás esquematiza os conteúdos dos quais tratará em sua *Suma Teológica*, mostrando a interdependência existente entre eles, de modo que, a demonstração dos últimos depende necessariamente da demonstração dos primeiros. Ora, o alicerce de tal construção teórica, ou seja, a base para que empreenda de forma sólida sua sistematização é, sem dúvida, a comprovação da existência de Deus. Dito de outra forma, provar a existência de Deus, como parece óbvio, é a condição de possibilidade para prosseguir com qualquer investigação acerca de sua natureza, de suas obras ou de como as criaturas dele procedem e para ele convergem. Por isso, a segunda questão abordada por Santo Tomás, dividida em três artigos, versa justamente sobre as provas da existência de Deus.

---

<sup>2</sup> A *Suma Teológica* é obra de Santo Tomás que aqui será tomada como principal referência; a forma de citação adotada é a seguinte: *S. Th. (Summa Theologiae)* + parte + questão + artigo. Por exemplo: *S. Th. I, q. 2, a. 3* (entenda-se: *Suma Teológica*, primeira parte, segunda questão e terceiro artigo).

<sup>3</sup> “Propositum nostrae intentionis in hoc opere est, ea quae ad Christianam religionem pertinent, eo modo tradere, secundum quod congruit ad eruditionem incipientium. [...] tentabimus, cum confidentia divini auxilii, ea quae ad sacram doctrinam pertinent, breviter ac dilucide prosequi, secundum quod materia patietur” (*S. Th. I, prólogo*).

<sup>4</sup> “Quaestio II: De Deo, an Deus sit, in tres articulos divisa” (*S. Th. I, q. 2*).

No primeiro artigo<sup>5</sup>, Tomás refuta os argumentos anteriores ao seu, nos quais se afirmava a autoevidência da existência de Deus. Conclui, afirmando que “[...] como não conhecemos a essência de Deus, esta proposição [Deus existe] não é evidente para nós; precisa ser demonstrada por meio do que é mais conhecido para nós, ainda que por sua própria natureza seja menos conhecido, isto é, pelos efeitos”<sup>6</sup>. Em síntese, quanto à evidência da existência de Deus, Tomás mostra que, ontologicamente ela é evidente, mas que gnosiologicamente, ou seja, para os sujeitos do conhecimento, ela não é, pois “os efeitos, por si, são conhecidos depois da causa e na dependência dela, como são depois e por ela. No entanto, para o conhecimento humano, eles são conhecidos antes da causa, e ela é conhecida mediante eles. Há uma inversão entre a ordem real e a ordem do conhecimento”<sup>7</sup>.

Dado que a existência de Deus não é por si mesmo conhecida, é preciso determinar se ela pode ou não ser demonstrada. É o que faz Aquino no segundo artigo<sup>8</sup>. Como já foi assinalado, o Doutor Angélico considera que a demonstração da existência de Deus é possível a partir da análise do mundo concreto. A realidade sensível não consegue ser a explicação de si mesma. Portanto, é preciso considerá-la como efeito e ascender, gnosiologicamente, até encontrar uma causa que a explique satisfatoriamente. Segundo Tomás,

[...] por qualquer efeito podemos demonstrar a existência de sua causa, se pelo menos os efeitos desta causa são mais conhecidos para nós, porque como os efeitos dependem da causa, estabelecida a existência do efeito, segue-se necessariamente a preexistência de sua causa. Por conseguinte, se a existência de Deus não é evidente para nós, pode ser demonstrada pelos efeitos por nós conhecidos.<sup>9</sup>

Hugon explica que “a existência de Deus nos é conhecida, não por uma intuição imediata<sup>10</sup>, nem por uma demonstração *a priori*<sup>11</sup>, mas sim por uma

<sup>5</sup> “Articulus 1: Utrum Deum esse est per se notum” (S. Th. I, q. 2, a. 1).

<sup>6</sup> “Sed quia nos non scimus de Deo quid est, non est nobis per se nota: sed indiget demonstrari per ea quae sunt magis nota quoad nos, et minus nota quoad naturam, scilicet per effectus” (S. Th. I, q. 2, a. 1).

<sup>7</sup> Nota “c”, p. 163, *Suma Teológica*, vol. 1, edição Loyola, 2003.

<sup>8</sup> “Articulus 2: Utrum Deum esse sit demonstrabile” (S. Th. I, q. 2, a. 2).

<sup>9</sup> “Ex quolibet autem effectu potest demonstrari propriam causam eius esse (si tamen eius effectus sint magis noti quoad nos): quia, cum effectus dependeant a causa, posito effectu necesse est causam praeexistere. Unde Deum esse, secundum quod non est per se notum quoad nos, demonstrabile est per effectus nobis notos” (S. Th. I, q. 2, a. 2).

<sup>10</sup> Intuição imediata é a compreensão ou a apreensão de uma dada realidade sem a participação dos sentidos (visão, audição, olfato, tato e paladar). Por isso, é imediata, pois é um conhecimento que se dá sem mediação sensorial. Tome-se, como exemplo, o *cogito cartesiano*, ao qual se chega mediante a indubitabilidade da clareza e da distinção com que o “eu penso” se apresenta racionalmente à consciência do sujeito epistêmico (Cf. DESCARTES, *Discurso do Método*, quarta parte).

demonstração *a posteriori*<sup>12</sup>, isto é, pelas criaturas, o argumento subindo dos efeitos à causa [...]”<sup>13</sup>. Não é suficiente crer, pela fé, na existência de Deus nem mesmo atribuir-lhe uma definição *a priori* cuja existência real esteja implicada na própria definição<sup>14</sup>. Ao invés, é preciso demonstrá-la *a posteriori*, verificando sua existência a partir dos efeitos constatados empiricamente na realidade e para os quais é necessário que exista uma explicação, isto é, uma causa. A causa primeira dos efeitos apreendidos através dos sentidos, como mostra Tomás, é o próprio Deus.

Pelo exposto até aqui, a partir da análise da segunda questão debatida por Santo Tomás em sua *Suma Teológica*, duas constatações são possíveis: (1º artigo) a existência de Deus não é autoevidente, ou seja, não é conhecida por si mesmo; todavia (2º artigo), ela pode ser demonstrada *a posteriori* (*demonstratio quia*), isto é, partindo dos efeitos e deles chegando até suas causas, não o contrário (*demonstratio propter quid*, isto é, *a priori*).

### 3 AS CINCO VIAS TOMASIANAS NA SUMA TEOLÓGICA

As duas averiguações anteriores, extraídas, respectivamente, do primeiro e do segundo artigos da segunda questão da primeira parte da *Suma Teológica*, são a base sobre a qual se assentam as provas trazidas por Santo Tomás no terceiro artigo<sup>15</sup>. As clássicas cinco provas tomasianas recebem do próprio Tomás o nome de “vias” (do latim, “caminhos”): “por cinco vias pode-se provar a existência de Deus”<sup>16</sup>. As cinco vias e/ou as cinco provas da existência de Deus são as seguintes:

1. **Via do Movimento:** em que, partindo do movimento, se conclui a existência de um motor imóvel<sup>17</sup>;

2. **Via da Causalidade:** em que, partindo das causas subordinadas, se conclui a existência da causa incausada suprema<sup>18</sup>;

---

<sup>11</sup> Tal forma de conhecimento, que prescinde da experiência, é denominada *a priori*, em termos modernos, e no vocabulário tomasiano e medieval, *propter quid*. Segundo Tomás, a *demonstratio propter quid* não se constitui o melhor método para provar a existência de Deus (S. Th. I, q. 2, a. 2).

<sup>12</sup> Na escolástica linguagem tomasiana, *demonstratio quia* (S. Th. I, q. 2, a. 2).

<sup>13</sup> HUGON, *Os princípios da Filosofia de São Tomás de Aquino*, p. 185.

<sup>14</sup> A esse propósito, ver o celeberrimo argumento de Santo Anselmo (*Ratio Anselmi*) (Cf. ANSELMO, *Proslógio*, capítulos 2, 3 e 4).

<sup>15</sup> “Articulus 3: Utrum Deum sit” (S. Th. I, q. 2, a. 3).

<sup>16</sup> “Dicendum quod Deum esse, quinque viis probari potest” (S. Th. I, q. 2, a. 3).

<sup>17</sup> “Prima autem et manifestior via est, quae sumitur ex parte motus” (S. Th. I, q. 2, a. 3).

<sup>18</sup> “Secunda via est ex ratione causae efficientis” (S. Th. I, q. 2, a. 3).

3. **Via da Necessidade:** em que, partindo dos seres contingentes, se conclui a existência do ser necessário<sup>19</sup>;

4. **Via da Perfeição:** em que, partindo dos seres relativamente perfeitos, se conclui a existência do ser perfeitíssimo<sup>20</sup>;

5. **Via do Ordenamento:** em que, partindo da ordem do mundo, se conclui a existência da inteligência ordenadora<sup>21</sup>.

Conforme Hugon,

[...] embora elas se completem, naturalmente, cada uma, se for bem compreendida, é por si mesma suficiente e demonstra eficazmente a existência de Deus. Todas as cinco são *a posteriori*, tendo como ponto de partida a experiência e se apoiam sobre os dados fornecidos pelo mundo sensível, subindo dos efeitos à causa.<sup>22</sup>

De fato, a apreciação detalhada de qualquer uma das cinco vias oferecerá instrumental lógico-argumentativo válido para sustentar a tese de que Deus existe. Entretanto, Tomás afirma que a *Primeira Via*, a *Via do Movimento*, é a “mais manifesta”, quer dizer, é a que melhor permite levar a cabo a demonstração da existência de Deus. Isso se deve, sem dúvida, a incontestável certeza, atestada pelos sentidos, de que neste mundo algumas coisas estão em movimento. Ademais, não só na *Suma Teológica*, mas também no *Compêndio de Teologia* e na *Suma contra os gentios*, o *Doctor Angelicus* demonstra a existência de Deus através da *Via do Movimento*.

Embora com nuances próprias, no *Compêndio* se tem um argumento muito similar à *Prima Via* da *Suma Teológica*. Em *Contra os gentios*, por sua vez, encontram-se duas *Vias do Movimento*<sup>23</sup>. A primeira das *Vias do Movimento* desenvolvida na *Suma contra os gentios* está em perfeita sintonia e, até mesmo, em complementaridade com a *Via do Movimento* elaborada na *Suma Teológica*. As duas premissas fundamentais, com as quais o *Aquinate* arquiteta sua argumentação na *Prima Via*, são mais amplamente demonstradas em *Contra os gentios*, com provas aduzidas da *Física* de Aristóteles, enquanto que, na *Suma Teológica*, tais

<sup>19</sup> “Tertia via est sumpta ex possibili et necessario” (*S. Th.* I, q. 2, a. 3).

<sup>20</sup> “Quarta via sumitur ex gradibus qui in rebus inveniuntur” (*S. Th.* I, q. 2, a. 3).

<sup>21</sup> “Quinta via sumitur ex gubernatione rerum” (*S. Th.* I, q. 2, a. 3).

<sup>22</sup> HUGON, *Os princípios da Filosofia de São Tomás de Aquino*, p. 199.

<sup>23</sup> “[...] apresentaremos as razões segundo as quais procede Aristóteles, para provar que Deus é. Pretende ele prová-lo, partindo do movimento, por duas vias” (AQUINO, *Suma contra os gentios*, livro I, capítulo 13).

premissas são apresentadas de forma muito mais concisa e sem nenhuma menção direta ao *Estagirita*.

Em termos quantitativos, o número de páginas destinado à *Via do Movimento* é consideravelmente maior do que o ocupado pelas demais vias, sobretudo, na *Suma contra os Gentios*. Aliás, no *Compêndio* nem há outra via além daquela que procede do movimento. De tudo isso, se deduz que esta via deva ser tomada como proeminente e, portanto, merecedora de apreciação mais detalhada. Assim sendo, segue-se uma análise da *Prima Via*, a *Via do Movimento*, elaborada pelo Doutor Angélico na *Suma Teológica* (e, também, na *Suma contra os Gentios* e no *Compêndio de Teologia*)<sup>24</sup>.

#### 4 A DEMONSTRAÇÃO DA EXISTÊNCIA DE DEUS NA VIA DO MOVIMENTO

A seguir, a transcrição literal da *Primeira Via* de Santo Tomás de Aquino, contida na *Suma Teológica*<sup>25</sup>. A tabela abaixo apresenta o texto latino original, extraído do *website Corpus Thomisticum*, bem como sua tradução portuguesa (brasileira), publicada pela *Editora Loyola*, em 2001 (segunda edição, 2003).

**Tabela 1:** Texto latino da *Primeira Via* de Santo Tomás e sua tradução brasileira

Texto latino		Tradução brasileira
Prima autem et manifestior via est, quae sumitur ex parte motus.	1	A primeira, e mais clara [via], parte do movimento.
Certum est enim, et sensu constat, aliqua moveri in hoc mundo.	2	Nossos sentidos atestam, com toda a certeza, que neste mundo algumas coisas se movem.
Omne autem quod movetur, ab alio movetur.	3	Ora, tudo o que se move é movido por outro.
Nihil enim movetur, nisi secundum quod est in potentia ad illud ad quod movetur,	4	Nada se move que não esteja em potência em relação ao termo de seu movimento;
movet autem aliquid secundum quod	5	ao contrário, o que se move o faz

<sup>24</sup> Uma comparação mais exaustiva entre as cinco vias da *Suma Teológica* e as cinco vias da *Suma contra os gentios* e, mesmo, entre todas as vias do movimento, tornar-se-ia demasiadamente extensa e, portanto, não será possível neste breve artigo. Entretanto, a título de ilustração, apresentamos o elenco das cinco vias elaboradas pelo Aquinate em *Contra os gentios: Primeira Via do Movimento, Segunda Via do Movimento, Via da Causalidade Eficiente, Via dos Graus de Perfeição e Via do Governo das Coisas*. No *Compêndio de Teologia*, como já mencionado, tem-se apenas a *Via do Movimento*, diretamente correspondente a *Prima Via* da *Suma Teológica* e a *Primeira Via do Movimento* da *Suma contra os gentios*.

<sup>25</sup> Cf. *S. Th.* I, q. 2, a. 3

est actu.		enquanto se encontra em ato.
Movere enim nihil aliud est quam educere aliquid de potentia in actum,	6	Mover nada mais é, portanto, do que levar da potência ao ato,
de potentia autem non potest aliquid reduci in actum, nisi per aliquod ens in actu,	7	e nada pode ser levado ao ato senão por um ente em ato.
sicut calidum in actu, ut ignis, facit lignum, quod est calidum in potentia, esse actu calidum, et per hoc movet et alterat ipsum.	8	Como algo quente em ato, por exemplo, o fogo, torna a madeira que está em potência para o calor, quente em ato, e assim a move e altera.
Non autem est possibile ut idem sit simul in actu et potentia secundum idem, sed solum secundum diversa,	9	Ora, não é possível que a mesma coisa, considerada sobre o mesmo aspecto, esteja simultaneamente em ato e em potência, a não ser sob aspectos diversos:
quod enim est calidum in actu, non potest simul esse calidum in potentia, sed est simul frigidum in potentia.	10	por exemplo, o que está quente em ato não pode estar simultaneamente quente em potência, mas está frio em potência.
Impossibile est ergo quod, secundum idem et eodem modo, aliquid sit movens et motum, vel quod moveat seipsum.	11	É impossível que sob o mesmo aspecto e do mesmo modo algo seja motor e movido, ou que mova a si próprio.
Omne ergo quod movetur, oportet ab alio moveri.	12	É preciso que tudo o que se move seja movido por outro.
Si ergo id a quo movetur, moveatur, oportet et ipsum ab alio moveri et illud ab alio.	13	Assim, se o que move é também movido, o é necessariamente por outro, e este por outro ainda.
Hic autem non est procedere in infinitum,	14	Ora, não se pode continuar até o infinito,
quia sic non esset aliquod primum movens;	15	pois neste caso não haveria um primeiro motor,
et per consequens nec aliquod aliud movens,	16	por conseguinte, tampouco outros motores,
quia moventia secunda non movent nisi per hoc quod sunt mota a primo movente,	17	pois os motores segundos só movem pela moção do primeiro motor,
sicut baculus non movet nisi per hoc quod est motus a manu.	18	como o bastão, que se move movido pela mão.
Ergo necesse est devenire ad aliquod primum movens, quod a nullo movetur,	19	É então necessário chegar a um primeiro motor, não movido por nenhum outro,
et hoc omnes intelligunt Deum.	20	e este, todos entendem: é Deus.

A *Primeira Via*, pode ser resumida assim: 1) Tudo o que se move é movido por outro. Ora, os sentidos atestam a existência de coisas em movimento. Logo, são movidas por outro. 2) O motor que as move pode ser móvel ou imóvel. Se for móvel, ter-se-á uma cadeia infinita de motores e de movidos, o que não explica as causas e

os princípios do movimento. Sendo assim, tal cadeia infinita é um absurdo. Portanto, existe um primeiro motor imóvel, causa de todo o movimento. E esse motor é Deus, pois possui todos os atributos universalmente aceitos como sendo divinos<sup>26</sup>.

O ponto de partida é a constatação empírica do movimento: através dos sentidos se verifica a existência do movimento e isso não pode ser contestado. Tomás é, em certa medida, um empirista. Portanto, confia no que lhe atestam os sentidos e acredita que é com o auxílio deles que se pode produzir algum conhecimento acerca do mundo físico e, também, ascender até as realidades metafísicas. Assim, evidencia-se nitidamente, que as provas tomasianas são a *posteriori* (*demonstratio quia*), pois seu pressuposto fundamental tem por base o testemunho dos sentidos. Em seguida, enunciam-se as duas premissas fundamentais<sup>27</sup>: 1) “tudo o que se move é movido por outro”<sup>28</sup> e 2) “não é possível ir até o infinito numa cadeia de motores e movidos”<sup>29</sup>.

---

<sup>26</sup> Para fins de uma breve comparação, transcreve-se um excerto da *Primeira Via do Movimento*, tal como se lê na própria *Suma contra os gentios*: “A primeira via é esta: tudo o que se move é movido por outro. É evidente aos sentidos que algo se move, como por exemplo, o sol. Logo, deve ser movido por outro movente. Ora, esse outro movente ou é movido ou não é. Se não é movido, confirma-se o nosso intento, isto é, o de que é necessário afirmar-se que há um movente imóvel. A este denominamos Deus. Se, porém, é movido, então o é por outro movente. Assim sendo, ou se deve proceder indefinidamente, ou se deve chegar a um movente imóvel. Mas como não se pode proceder indefinidamente, é necessário pôr um primeiro movente imóvel. Não obstante, duas proposições desta demonstração devem ser ainda demonstradas: tudo que é movido, é movido por outro; e, na série de moventes e movidos, não é possível proceder-se indefinidamente” (AQUINO, *Suma contra os gentios*, livro I, capítulo 13). Transcreve-se, ainda, a perícopie correspondente contida no *Compêndio de Teologia*: “Com relação à unidade da essência divina, deve-se, em primeiro lugar, crer que Deus existe, verdade esta evidente à razão humana. Vemos, com efeito, que todas as coisas que se movem são movidas por outras: as inferiores pelas superiores, como os elementos o são pelos corpos celestes; vemos que as coisas inferiores agem impulsionadas pelas superiores. É impossível que nesta comunicação de movimentos, o processo prolongue-se até o infinito, porque toda coisa que é movida por outra é como um instrumento do primeiro motor da série. Ora, se não houver um primeiro motor, todas as coisas movidas nada mais são que instrumentos. Por conseguinte, se houver um processo que leve ao infinito a série das coisas que movem sucessivamente umas às outras, nele não pode existir um primeiro motor. Consequentemente, todas as coisas, as que movem e as movidas, seriam instrumentos. É ridículo, porém, até para os menos instruídos, imaginar instrumentos que não sejam movidos por um agente principal. Seria como pensar em construir arcas ou leitos só com serras e machados, mas sem o carpinteiro que os fizesse. Por isso, é necessário que exista um primeiro motor, supremo na sucessão dos movimentos das coisas que se movem umas às outras. A este primeiro motor, chamamos Deus” (AQUINO, *Compêndio de Teologia*, capítulo 3).

<sup>27</sup> Na *Suma contra os gentios*, Tomás apresenta seis argumentos extraídos da *Física* de Aristóteles com o quais pleiteia demonstrar as duas premissas aqui arroladas. Contudo, não se explorará tais argumentos, mas unicamente se elucidará os que são desenvolvidos na *Suma Teológica*.

<sup>28</sup> Cf. *supra* S. Th., tabela 1, linha 3.

<sup>29</sup> Cf. *supra* S. Th., tabela 1, linha 14.

## 4.1 TUDO O QUE SE MOVE É MOVIDO POR OUTRO

Embora a primeira premissa seja uma proposição categórica, universal e afirmativa, é possível, sem dano lógico, convertê-la em um enunciado condicional e, como ela, formar um *Modus Ponens*<sup>30</sup>: se existem coisas em movimento (A), então são movidas por outro (B). Ora, existem coisas em movimento (A). Logo, são movidas por outro (B), ou seja, existem motores responsáveis pelo movimento externos às coisas que se movem.

Para que esse argumento seja válido é preciso determinar o valor de verdade da premissa condicional, o que Tomás faz da seguinte maneira. Inicialmente, define o que seja o movimento: “mover nada mais é, portanto, do que levar da potência ao ato”<sup>31</sup>. Movimento, conforme o sistema aristotélico-tomista, é toda mudança pela qual passam os seres, ou seja, todas as transformações nas categorias contidas em tais seres: “a potência e o ato [...] se dão em todas as categorias (podem ser em potência ou em ato uma substância, uma qualidade [uma quantidade, uma relação, uma posição, um tempo, um lugar, um ter, um fazer e um sofrer])”<sup>32</sup>.

Em seguida, Tomás aplica o *Princípio da Não-Contradição*<sup>33</sup>: “não é possível que a mesma coisa, considerada sobre o mesmo aspecto, esteja simultaneamente em ato e em potência”<sup>34</sup>. O *Doutor Angélico* usa o exemplo do fogo e da madeira: a madeira, quando fria em ato, é quente em potência, pois tem a possibilidade de tornar-se quente. Ora, quem torna a madeira, quente em potência, quente em ato é o fogo, quente em ato.

Dado que movimento é a passagem da potência para o ato, fica provado que o motor que produz tal mudança na madeira é um motor externo a ela e que possui em ato aquilo que ela possui somente em potência e que passa a possuir em ato em função do movimento:

[...] esta passagem da potência ao ato não pode realizar o móvel por si mesmo, porque teria que ser, ao mesmo tempo, móvel e motor, dando-se a

<sup>30</sup> O *Modus Ponens* define-se como um silogismo no qual “a premissa categórica afirma a proposição antecedente da premissa condicional e a conclusão afirma a consequente” (COPI, *Introdução à Lógica*, p. 216), isto é, se A, então B. A. Logo, B.

<sup>31</sup> Cf. *supra* S. Th., tabela 1, linha 6.

<sup>32</sup> REALE; ANTISERI, *História da Filosofia*, p. 197.

<sup>33</sup> O *Princípio da Não-Contradição* define-se como a lei do pensamento que indica o “necessário e suficiente para que o pensar se desenvolva de maneira ‘correta’, [...] afirma que nenhum enunciado pode ser verdadeiro e falso” (COPI, *Introdução à Lógica*, p. 256).

<sup>34</sup> Cf. *supra* S. Th., tabela 1, linha 9.

si mesmo uma perfeição da qual carece, ou seja, teria e não teria, por sua vez, essa perfeição, estaria em potência e em ato sob uma um mesmo ponto de vista, o que é contraditório<sup>35</sup>.

Dito de outra forma, um dado ser não pode causar seu próprio movimento, não pode movimentar-se a si mesmo, pois se assim fosse, teria que possuir de antemão aquilo em direção a que está se movendo e isso é uma contradição. Como um ser pode estar quente em potência, ou seja, frio, e quente em ato ao mesmo tempo? Afirmar que um ser se automovimenta implica uma contradição, implica afirmar que um ser em potência, possui ao mesmo tempo e sobre o mesmo ponto de vista o ato responsável pelo seu movimento, ou seja, a perfeição para a qual tende. Isso é absurdo.

A esse propósito, vem a explicação de Hugon: “[...] aquele que move, isto é, o que dá o ato, já está em ato e, por consequência, distinto do que é movido e do que está em potência”<sup>36</sup>. Portanto, o ato que promove o movimento dos seres não é possuído em ato por eles, mas somente em potência, pois é em direção a ele que estes seres se movem. Sendo assim, só resta afirmar que o motor, sujeito do movimento, é outro ser diferente daquele que é movido. Logo, tudo o que se move é movido por outro: “é impossível que sob o mesmo aspecto e do mesmo modo algo seja motor e movido, ou que mova a si próprio. É preciso que tudo o que se move seja movido por outro”<sup>37</sup>.

#### 4.2 NÃO É POSSÍVEL IR ATÉ O INFINITO NUMA CADEIA DE MOTORES E DE MOVIDOS

Na segunda premissa, o *Aquinate* emprega um *Silogismo Disjuntivo*<sup>38</sup>. Provado que tudo o que se move é movido por outro (B), resta determinar se tal motor é móvel ( $B_1$ ) ou imóvel ( $B_2$ ). É verdade que existem séries longas de motores é movidos. Por exemplo, uma pedra é movida por um báculo e um báculo é movido pela mão. Admita-se que a mão seja movida pelos músculos e ossos e o sistema muscular e ósseo, movido pelo sistema nervoso, e este, por sua vez, seja movido

<sup>35</sup> FRAILE, *Historia de la Filosofía*, p. 394 (excerto traduzido do espanhol ao português pelo autor do artigo).

<sup>36</sup> HUGON, *Os princípios da Filosofia de São Tomás de Aquino*, p. 201.

<sup>37</sup> Cf. *supra* S. Th., tabela 1, linhas 11 e 12.

<sup>38</sup> Definição de *Silogismo Disjuntivo*: “só temos um silogismo disjuntivo válido, quando a premissa categórica contradiz um disjuntivo da premissa disjuntiva e a conclusão afirma o outro disjuntivo da premissa disjuntiva” (COPI, *Introdução à Lógica*, p. 215), ou seja,  $B_1$  ou  $B_2$ . Não  $B_1$ . Logo,  $B_2$ .

pelo cérebro. Ora, quem move o cérebro? Será que ele se move a si mesmo? Talvez seja movido pela inteligência e pela vontade. E nesse caso, a inteligência e a vontade movem-se a si mesmas? Ou será que são movidas por outra coisa exterior a elas?

Um motor pode comunicar movimento a outro motor e, assim, sucessivamente. Todavia, é preciso que exista um primeiro motor que dê início ao processo de movimentação, visto que um ser que está parado não pode começar a movimentar-se se não for forçado a isso: “[...] se fora desses motores, sendo um movido pelo outro, não houver um motor imóvel que seja o princípio primeiro de todo o movimento, jamais haverá movimento no universo”<sup>39</sup>.

É necessário que esse primeiro motor seja imóvel, pois se fosse móvel necessitaria de outro motor que o movesse e, assim, se cairia na mesma aporia novamente. É o que atesta Aristóteles no livro VIII da *Física*: “uma vez que deve sempre existir movimento sem interrupção, deve existir necessariamente alguma coisa eterna, seja uma ou muitas, que primeiramente comunica movimento, e esse primeiro motor deve ser, em si mesmo, sem movimento”<sup>40</sup>.

Os diversos motores subordinados são meramente instrumentos cinéticos do primeiro motor, pois, como explica Tomás, “os motores segundos só movem pela moção do primeiro motor”<sup>41</sup>. E assim conclui Aristóteles, na *Física*, livro VIII: “o único movimento contínuo, então é o que é causado pelo motor que é em si mesmo sem movimento, pois permanece sempre invariável, de modo que sua relação com o que move permanece também invariável e contínua”<sup>42</sup>.

## 5 DEUS EXISTE

Se A, então B. A. Logo B. B<sub>1</sub> ou B<sub>2</sub>. Não B<sub>1</sub>. Logo, B<sub>2</sub>. Assim o *Aquinate* demonstra a existência de Deus, através do *Modus Ponens* e de um *Silogismo Disjuntivo*.

Tudo o que se move é movido por outro. Não pode ser diferente, dado que movimento é passagem da potência para o ato e essa passagem só poderá ser promovida por aquele que já possua em ato tal perfeição. Como não é possível, ao

<sup>39</sup> HUGON, *Os princípios da Filosofia de São Tomás de Aquino*, p. 201.

<sup>40</sup> ARISTÓTELES, *Física* (In: SMITH, *Dez provas da existência de Deus*), p. 35.

<sup>41</sup> Cf. *supra* S. Th., tabela 1, linha 17.

<sup>42</sup> ARISTÓTELES, *Física* (In: SMITH, *Dez provas da existência de Deus*), p. 48.

menos respeitando o *Princípio da Não-Contradição*, possuir uma categoria em ato e potência ao mesmo tempo, assim, o movimento é causado por algum outro, por um motor extrínseco ao movimentado.

Além disso, não é possível ir ao infinito numa cadeia de motores e movidos, porque assim não existiria o movimento. O que está sem movimento não pode, sozinho, começar a mover-se. Portanto, é necessário que exista um primeiro princípio do movimento que imprima movimento a toda a série de moventes. E mais, esse princípio precisa ser imóvel, caso contrário, também necessitaria de algo que o movesse.

*Motor imóvel*, esses dois termos resumem bem tudo o que foi dito até aqui. *Motor* porque é primeiro princípio do movimento e *imóvel* porque não se move. E é justamente esse *motor imóvel* que todos chamam de Deus: “é então necessário chegar a um primeiro motor, não movido por nenhum outro, e este, todos entendem: é Deus”<sup>43</sup>.

A existência do *motor imóvel* é garantia da existência de Deus, pois Deus é esse *motor imóvel*. Não é um argumento circular, mas, sim, um silogismo categórico, no qual, o termo médio é justamente os atributos próprios pertencentes tanto a Deus como ao *motor imóvel*. Todos os atributos reconhecidos como sendo divinos, tais como a eternidade, a imutabilidade, a atualidade, a perfeição e assim por diante, são, igualmente, atributos do *motor imóvel*. Ora, não é possível que o *motor imóvel* não exista. Logo, Deus existe.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANSELMO. **Proslógio**. Tradução de Angelo Ricci. 4. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1988.

AQUINO, Tomás de. **Opera Omnia**. Editado por Enrique Alarcón. Pamplona: Fundación Tomás de Aquino, Universidad de Navarra, 2000. Disponível em: <<http://www.corpusthomisticum.org/>>. Acesso em: 25 jan. 2014.

AQUINO, Tomás de. **Compêndio de Teologia**. Tradução e notas de Odilão Moura. Rio de Janeiro: Presença, 1977.

AQUINO, Tomás. **Suma contra os gentios**. Tradução de Odilão Moura e Ludgero Jaspers. Volume 2. Porto Alegre: EST; Sulina; Caxias do Sul: UCS, 1990. Edição bilíngue: latim/português.

---

<sup>43</sup> Cf. *supra* S. Th., tabela 1, linhas 19 e 20.

AQUINO, Tomás. **Suma Teológica**. Volume 1. Direção de Gabriel C. Galache e Fidel García Rodríguez. Coordenação geral de Carlos Josaphat Pinto de Oliveira. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2003. Edição bilíngue: latim/português.

ARISTÓTELES. *Física* [excertos]. In: SMITH, Plínio Junqueira. **Dez provas da existência de Deus**. São Paulo, Alameda, 2006.

COPI, Irving Marmar. **Introdução à Lógica**. 2. ed. São Paulo: Mestre Jou, 1978.

DESCARTES, René. **Discurso do Método**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

FRAILE, Guillermo. **Historia de la Filosofía. Filosofía judía y musulmana. Alta escolástica: desarrollo y decadencia**. Madrid: BAC, 1975.

HUGON, Édouard. **Os princípios da Filosofia de São Tomás de Aquino: vinte e quatro teses fundamentais**. Tradução Odilão Moura. Porto Alegre, EDIPUCRS, 1998.

REALE, Giovanni; ANTISERI, Dario. **História da Filosofia: Filosofia pagã antiga**. Tradução Ivo Storniolo. 3. ed. São Paulo: Paulus: 2007.